



## OPERAÇÃO CONTENÇÃO

Cidade vive dia de guerra durante a operação mais letal da sua história contra o crime organizado, com 64 mortos, entre os quais, quatro policiais. Tiroteios, barricadas com veículos em chamas e bombas despejadas por drones da facção levam pânico à população



Policiais levam suspeito detido na Operação Contenção: segundo o governo do Rio de Janeiro, a ação foi deflagrada “após mais de um ano de investigação e 60 dias de planejamento”



A Zona Norte do Rio de Janeiro parecia uma praça de guerra



Suspeitos detidos pela polícia: segundo o governo, foram 81 presos



A paralisação de linhas de ônibus tornou mais difícil a volta para casa

# Rio mergulha no caos e na violência extrema

» IAGO MAC CORD\*

A cidade do Rio de Janeiro foi palco, ontem, da ação policial mais letal da história da cidade, nos Complexos do Alemão e da Penha, na Zona Norte, com 64 mortos — entre eles, dois policiais civis e dois militares. A chamada Operação Contenção tinha como objetivo capturar lideranças da facção Comando Vermelho (CV), além de combater a expansão territorial da organização.

Os dois complexos alvos da megaoperação comportam 26 comunidades, onde moram mais de 200 mil pessoas. De acordo com as investigações, nesses locais estavam escondidas lideranças do CV de diversos estados. Criminosos reagiram à investida, e os confrontos transformaram a região em um cenário de guerra, levando pânico à população. A capital carioca entrou em Estágio 2 de Atenção — risco de ocorrência de alto impacto —, vivenciando extrema violência nas ruas, vias interditadas por criminosos e paralisação parcial de serviços.

Vídeos gravados por moradores mostram longos períodos de trocas de tiros. Criminosos construíram barricadas com veículos em chamas para impedir a passagem de agentes policiais. Também utilizaram drones para despejar explosivos contra as forças de segurança, o que transformou o local em um cenário de guerra. Houve impactos em vias como a Linha Amarela e a Avenida Brasil. Gravações mostram criminosos, em fila indiana, fugindo pela parte alta da comunidade.

Em coletiva de imprensa, o prefeito Eduardo Paes (PSD-RJ) determinou que todos os órgãos municipais seguissem funcionando até o fim do expediente. No entanto, ele ressaltou o impacto direto no transporte público, alvo recorrente de retaliações criminosas, e reconheceu que motoristas e empresas de ônibus temiam colocar seus veículos nas ruas, para evitar incêndios e danos.

Com a paralisação de mais de 200 linhas de ônibus, muitas pessoas voltaram para casa a pé ou caminharam longas distâncias em busca de transporte alternativo. As estações de metrô ficaram superlotadas.

Segundo o governo do estado, a ação foi deflagrada “após mais de um ano de investigação e 60 dias de planejamento”, conduzida pela Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE). Em entrevista coletiva, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), acusou o governo federal de não ajudar o estado no enfrentamento ao crime organizado. “É uma operação maior do que a de 2010 e, infelizmente, desta vez, como ao longo deste mandato inteiro, não temos o auxílio nem de blindados, nem de nenhum agente das forças federais, nem de segurança, nem de defesa. A gente sozinho nessa luta, fazendo a maior operação da história do Rio de Janeiro”, enfatizou Castro. As declarações do governador foram rebatidas pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública (leia reportagem na página 3).

A operação de ontem contou com mais de 2,5 mil agentes das



### Recompensa

O Disque Denúncia do Rio de Janeiro oferece recompensa de R\$ 100 mil por informações que levem a polícia até Edgar Alves de Andrade. Segundo o serviço, trata-se da maior recompensa da história do Disque Denúncia, ao lado dos mesmos R\$ 100 mil, sem considerar a inflação, oferecidos por informações que levassem a Fernandinho Beira-Mar, em 2000.

policiais Civil e Militar e 32 veículos blindados para que fossem cumpridos 100 mandados de prisão — desses, 30 são de criminosos de outros estados, com destaque para membros da facção no Pará — e 150 mandados de busca e apreensão. No entanto, um dos alvos da ação, **Edgar Alves de Andrade**, conhecido como “Doca” ou “Urso”, não foi encontrado. Ele é apontado como a principal liderança do CV no Complexo da Penha e em outras comunidades da Zona Oeste.

As forças policiais confirmaram a morte de 56 suspeitos, sendo dois da Bahia e um do Espírito Santo

— a letalidade superou a da ação em Jacarezinho, Zona Norte, que deixou 28 óbitos em 2021.

Entre os mortos, ontem, estava Júlio Souza Silva, de 26 anos, envolvido com o CV no Nordeste de Amaralina, em Salvador, e No entanto, um dos alvos da ação, Edgar Alves de Andrade, conhecido como “Doca” ou “Urso”, não foi encontrado. Ele é apontado como a principal liderança do CV no Complexo da Penha e em outras comunidades da Zona Oeste, que cumpria pena em regime semiaberto após ser preso por tráfico de drogas.

A lista de presos incluiu Thiago

do Nascimento Mendes, o “Belão do Quitungo”. Ele é tido como o chefe do Morro do Quitungo e considerado o braço direito de Doca.

“Estamos atuando com força máxima e de forma integrada para deixar claro que quem exerce o poder é o estado. Os verdadeiros donos desses territórios são os cidadãos de bem, trabalhadores. Seguiremos firmes na luta contra o crime organizado. O que estamos enfrentando não é mais crime comum, é narcoterrorismo. Os criminosos estão usando tecnologia de guerra: drones, bombas e armamentos pesados. Mas o estado está preparado”, destacou Castro.

O governo estadual garantiu que a operação contou com o apoio do Ministério Público do Rio de Janeiro e “cumpre todas as medidas determinadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no âmbito da ADPF 635, como o uso de câmeras operacionais corporais e apoio de ambulâncias na região”.

Paes, por sua vez, afirmou que a responsabilidade primária pelas ações de segurança são das forças de segurança pública estaduais — policiais Militar e Civil —, e que o papel da prefeitura é de suporte e apoio. “Nós não podemos aceitar que esses grupos criminosos, enfim, tomem conta da cidade assim. Já é inaceitável a gente ver parte do território dominado. Agora, ver a cidade inteira paralisada por isso, não vai acontecer. A prefeitura vai continuar trabalhando”, ressaltou.

\*Estagiário sob a supervisão de Cida Barbosa